
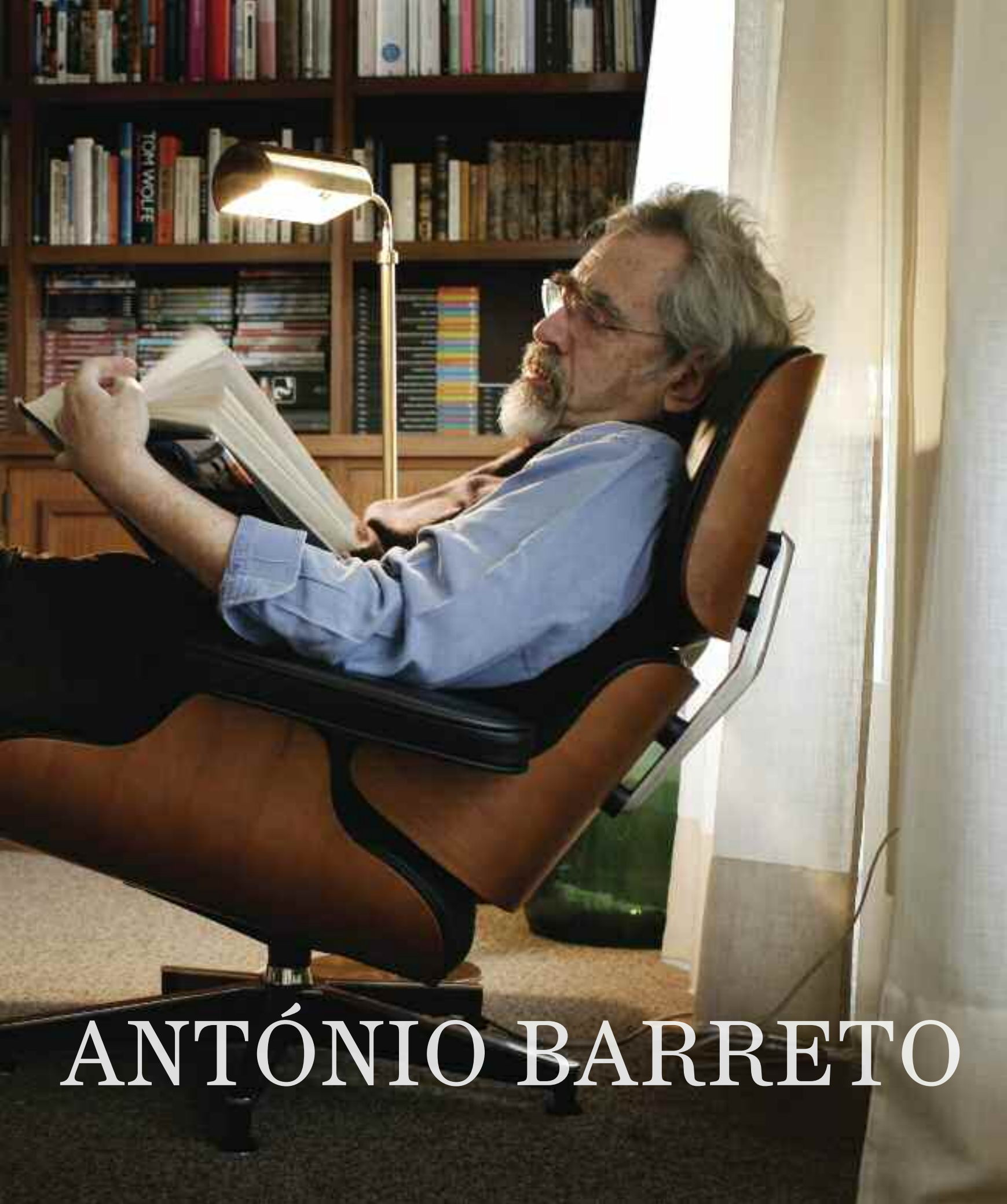


FOTOGRAFIA DE PEDRO LOUREIRO



*O MAGALHÃES*  
É O MAIOR  
ASSASSINO  
DA LEITURA  
EM PORTUGAL

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES



ANTÓNIO BARRETO

**A** voz é grave e pausada, sem nunca se elevar, num tom que faz silêncio à sua volta. O tom de quem é escutado com atenção e sabe que o escutam atentamente. O sol da manhã, com uma intensidade primaveril, em pleno Inverno, inunda a sala do apartamento à Lapa. Em sua própria casa, António Barreto pede-me autorização para fumar. Um *gentleman*, nos vários sentidos da palavra. A necessidade de se refugiar regularmente em Oxford, para escrever os seus trabalhos de maior fôlego, revela essa marca de água anglo-saxónica. Desde cedo terá convivido com os ingleses do Douro (tem em preparação um documentário sobre a região). Entrou na literatura pelos autores norte-americanos. Embora tenha escolhido a Suíça como destino de exílio antes do 25 de Abril. Depois da revolução veio a política. Os entusiasmos e as derrotas. Um experiência que lhe deu o lastro necessário para o comentário da actualidade. É provavelmente o cronista com o espaço semanal mais antigo da imprensa portuguesa. O «Retrato da Semana», que assina no jornal *Público*, vai fazer 20 anos. Agora, tem pela frente um novo desafio: presidir à Fundação Francisco Manuel dos Santos, que se propõe contribuir, com estudos sérios, para aprofundar o conhecimento da sociedade portuguesa. A literatura também pode vir a ser um dos contributos para essa análise e António Barreto tem planos pessoais nesse sentido.



**Já alguma vez teve a tentação do romance?**  
Sempre. Nunca escrevi ficção. A não ser nuns exercícios de adolescência. Escrevi dois ou três contos, que já nem recordo. Mais tarde – nos meus 20 anos – escrevi uma peça de teatro, que nem sequer sei onde está. Creio que estará por aí mas nunca mais a vi. Sei que era má. Reli-a uns quatro ou cinco anos depois e achei aquilo horrível.

**Escreveu-a para a levar à cena nalguma situação concreta?**

Eu estava estudante em Coimbra. Isto era o período entre 1960 e 1963. Estudava Direito mas mais do que estudar fazia teatro. Estava num grupo de teatro que ainda existe hoje – já com características diferentes – chamado CITAC.

**A sua peça de teatro chegou a ser levada à cena?**

Não. Era mesmo má. Lembro-me de que a mostrei a um ou dois amigos mais velhos. Eu teria uns 20 anos, na altura. Aquilo era uma coisa muito neo-realista. Já não me recordo do título que lhe dei mas se não era *A Greve* era qualquer coisa de muito parecido. Era, evidentemente, sobre um movimento operário numa fábrica, a opressão dos patrões e a organização dos trabalhadores. Pelo meio, tinha uma história romanesca de um trabalhador e da namorada ou da mulher.

**Nessa altura, já era militante do PCP?**

Militante, só em 63.

**Tornou-se militante já na Suíça?**

Não. Ainda cá em Portugal. Nos últimos meses em que estive em Coimbra. Mas, sabe, a partir de 60-61, as zonas de activismo e de militância eram zonas sem fronteiras muito precisas. Quando cheguei a Coimbra já vinha com vontade de me aproximar das coisas de esquerda; o que eu queria era contestar o regime e derrubar o regime. Pertencia a uma coisa que se chamava Junta de Acção Cívica. Só gradualmente é que o PC começou a aproximar-se e eu fui para o PC. Não sei se era particularmente convicto na ideologia. O que eu queria era acção. Até que, um dia, um militante me fez a proposta precisa: tens de entrar para o PC; és amigo, depois de amigo passas a camarada... Tive um momento de enorme orgulho e de enorme receio. Medo, para dizer a palavra. Depois disso, não sabia muito bem se já era ou se não era. Não havia cartão de sócio, nem havia inscrições. Daí em diante, passei a andar nas ruas com uma sensação... Olhe, com a recordação de livros lidos: os livros do Roger Vailland ou *Le Silence de la Mer*...

**Vercors.**

Sim. Havia aquela sensação de clandestinidade, do homem da noite. Eu já me sentia, ali, um herói. Mas sempre com receio.

**As suas leituras literárias, nessa altura, andavam pelo neo-realismo?**

**Tive alturas em que Portugal me interessava e vivia frustrado por não poder voltar e houve momentos em que era exactamente o contrário e eu não queria nem ouvir falar de Portugal. Cheguei mesmo a pôr a hipótese de me naturalizar suíço. Estive quase. Portanto, a leitura portuguesa foi praticamente abandonada.**

Às vezes, digo para mim próprio que tenho pena ou que me arrependo de a minha iniciação à literatura ter sido totalmente caótica. Mas depois também me pergunto se não será sempre assim. A ideia de que uma pessoa deve entrar na literatura pela mão, ser guiado, ter um orientador e ir fazendo a evolução das escolas e das correntes literárias, nunca acontece. O que é verdade é que, até aos 14 ou 15 anos, o que eu devorava era romances de aventuras. Lá em casa – eu tenho muitos irmãos – liam-se coisas de quadradinhos mas, não sei porquê, nunca achei muita graça à banda-deseenhada. No meu tempo dizia-se *quadradinhos*, não se dizia banda-deseenhada. Eu não achava muita graça àquilo.

**Os livros fizeram parte da sua paisagem de infância?**

Sim. Em minha casa havia muitos livros. Os meus pais tinham muitos livros e liam. O meu pai lia, sobretudo, literatura ensaística de filosofia e de religião. Era muito religioso, muito convicto.

**O que fazia o seu pai?**

Era engenheiro civil. Dirigia uns serviços de urbanização que havia no distrito de Vila Real. Eu nasci no Porto, por circunstâncias de passagem da nossa família, mas era em Vila Real que isto se passava. O meu pai era da Régua, a minha mãe era de Vila Real. Eu vivia em Vila Real, indo constantemente à Régua, onde tínhamos a quinta dos pais, da avó, das tias, etc.

**Tem memória do primeiro livro que o marcou de uma forma consciente?**

Tenho. O meu primeiro livro «sério» foi lido quando tinha talvez 15 anos e foi a minha mãe que mo deu no Natal. Chamava-se *A Noite sem Lua*. É um romance pequenino do John Steinbeck. Curiosamente, é um romance sobre a Resistência [tal como o já referido *Le Silence de la Mer, de Vercors*]. A acção passa-se na Noruega, sob ocupação nazi. Há uma história de amor – ou melhor, de atracção sexual – entre um soldado nazi e uma mulher norueguesa, que aceita aquela espécie de *flirt* e de namoro mas com reserva mental. Quando vão para a cama, já meio despidos, ela tem uma tesoura escondida debaixo da almofada e mata-o. Nunca cheguei a perguntar à minha mãe, que entretanto morreu, porque é que ela me ofereceu aquele livro. Porquê aquele livro?

**Acha que foi uma escolha consciente, como forma de iniciação literária?**

Não sei. A minha mãe não era particularmente de esquerda, nem ligada à política. Nessa altura ainda era bastante conservadora e muito católica. O catolicismo marcava muito a vida do meu pai e da minha mãe. Só muito mais tarde, já no fim dos anos 60, já eu estava refugiado na Suíça, os meus pais votaram na CEUD, umas candidaturas anti-regime.

**Sendo um homem do Norte, nomes como Camilo ou Júlio Dinis não eram uma referência familiar?**

O Júlio Dinis, sim. Devorei todos os livros dele que havia lá em casa, ainda antes do Steinbeck. Camilo, li menos. Em minha casa, havia muitos livros. Tanto na Régua como em Vila Real. Curiosamente, havia muito Eça de Queirós, Fialho, Ramalho mas havia muito pouco Camilo. Já várias vezes me perguntei se haveria alguma razão para isso, alguma espécie de recusa do Camilo. Mas como, entretanto, os meus pais morreram...

**O Eça está mais ligado a um mundo urbano e o Camilo mais ligado ao mundo rural, em que passou a sua infância.**

Será que eles queriam escapar ao meio rural?

**Poderá ser isso?**

É possível. O Camilo esteve em Vila Real. Havia uma casa mesmo ao lado da nossa que dizia: «Aqui viveu Camilo Castelo Branco.» Tudo aquilo nos era muito próximo. Nós vivemos na Avenida Carvalho Araújo e o liceu, na ponta da avenida, chamava-se Camilo Castelo Branco. Mas pelo menos em minha casa o Camilo nunca foi um autor muito concorrido. Eu próprio, só quando já estava na Suíça, numa altura em que fiz uma tentativa de reler coisas portuguesas, é que mandei vir – pela Livraria Portugal – muitos livros, entre eles todo o Camilo.

**Foi acometido de uma saudade portuguesa?**

Talvez saudade ou curiosidade. Não sei. Mas só nessa altura li o Camilo. O Eça de Queirós,

dos portugueses, foi talvez o primeiro de que li quase tudo o que havia. Mas, como lhe disse, comecei pela literatura americana.

**Quer dizer que depois desse livro do Steinbeck, que a sua mãe lhe deu, foi à procura de outros.**

De tudo o que havia. Devorei quatro ou cinco Steinbeck, depois o Hemingway, o John Dos Passos, o Faulkner (já mais complicado), o Sinclair... Houve ali seis ou sete autores americanos totalmente indiferenciados: gente de esquerda e gente de direita, gente realista, gente naturalista. Foi o caos completo. Era a literatura americana.

**Com a ideia de que a literatura americana era o seu modelo literário?**

Sim. Era o moderno, era o contemporâneo, era a vanguarda.

**Era fácil encontrar esses livros em Vila Real, nos anos 50?**

Em geral, estavam traduzidos e havia uma livraria – que ainda hoje existe, já mais como papelaria – que era a Livraria Branco. Íamos lá falar com o Sr. Branco e com o Sr. Adriano, pedíamos-lhes as coisas e eles mandavam-nas vir. Digo «nós» porque era eu e os meus irmãos e meia dúzia de amigos do liceu. Não havia muita leitura em Vila Real, como pode imaginar. Alguns dos livros que a gente não encontrava ou não conseguia obter, a biblioteca do liceu – que era muito boa, numa sala muito bonita – tinha-os. Mas, evidentemente, uma parte das estantes estava fechada e não emprestavam os livros que lá estavam aos estudantes.

**O que é que não emprestavam?**

Dois ou três livros do Camilo, mais *O Crime do Padre Amaro* (já cá faltava!), *A Relíquia*... O mais espantoso livro que lá havia chamava-se *Iniciação Estética*.

**Devia ter umas reproduções de uns quadros com umas senhoras nuas.**

A capa era de um quadro de Rubens. Nem sequer uma pintura muito nua, só um bocadinho. Era um livro feito pelo poeta João José Cochofel. Ainda por cima, as reproduções eram más e a preto e branco.

**Essa interdição fazia aumentar a apetência por esses livros, imagino.**

Oh-oh! [*Riso*]. Às vezes, a gente ia lá ver que livros é que eles não emprestavam, pela lombada, e depois, se tínhamos alguns tostões, íamos à Livraria Branco pedi-los. O que não havia era livros marcadamente políticos. Só comecei a comprar livros proibidos – estrangeiros, sobretudo em francês – quando já estava em Coimbra. No meu 6º, 7º ano do liceu, ainda em Vila Real (o equivalente, hoje, ao 11º, 12º), formou-se um grupo de cinco ou seis que gostavam de ler e gostavam de discutir. Todos nós achávamos que podíamos fazer poesia.

**Também passou por essa fase poética da adolescência?**

**A boa ficção pode ser uma excelente ajuda para perceber uma sociedade ou um tempo. Do ponto de vista literário não sou um grande apreciador do Júlio Dinis, mas considero que os livros dele são uma excelente introdução a um certo tipo de doutrina, de costumes, de mentalidade, de ideologia dominante.**

Sim. Fazia poemas realistas, de combate. Nesse grupo, havia um de nós que já tinha veia de poeta. Aliás, veio a publicar uma dúzia de livros de poemas. Chamava-se Eduardo Guerra Carneiro.

**O poeta do célebre *Isto Anda tudo Ligado*.**

Isto anda tudo ligado! Foi um grande, grande amigo. Nesse «anda tudo ligado» há um poema... Bem, quando eu fugi, tive de ir a Vila Real e ao Porto organizar umas coisas. Curiosamente, cruzei-me com o Eduardo no Porto, no meio da rua. Ia-me embora no dia seguinte. Falámos e eu fiquei com o coração apertado: será que lhe digo, não digo. Não lhe disse. Ele soube uns dias depois que eu me tinha ido embora. Nesse livro há um poema, uma coisa pequenina, que eu nunca mais esqueci porque fiquei muito comovido, quando li o livro uns anos depois, na Suíça. Dizia: «Cruzei-me à última da hora contigo, com o teu casaco castanho, tu não disste para onde ias...» Uma coisa assim, relativamente simples. O poema termina: «Ó António, como são os lagos na Suíça?» Ele era poeta e já no liceu se percebia que tinha jeito e talento e futuro.

**Ainda guarda os seus escritos dessa altura?**

Tenho uma coisa ou outra. Sinceramente nem sequer sei onde estão. Uns anos depois tive oportunidade de reler essas coisas e a poesia é péssima, os contos são maus e a peça e teatro é má, também.

**Os contos também foram escritos na altura em que escreveu a peça?**

Não. Antes de ir para a faculdade. Entre os 15 e os 20 anos.

**Depois dessas tentativas de juventude não voltou a prevaricar?**

Não voltei. Nunca mais. Talvez tenha ficado traumatizado com a má qualidade daquilo. Mas há uma espécie de tentação permanente. Um escritor qualquer – já não sei quem foi – disse uma vez que depois de se escreverem livros de História, livros de Sociologia, ensaios, para se dizer a última e definitiva verdade é preciso escrever um romance.

**É nesse ponto que se sente?**

Não me sinto nesse ponto e não creio que venha a escrevê-lo mas sinto que, através de um romance, se cria a totalidade do que se quer dizer. A sociedade real, aquela que é estudada pela Sociologia ou pela História, tem sempre variantes, tem sempre excepções, tem uma infinita diversidade. Se se quer dizer só uma coisa, a tentação é esquecer as variantes, a variedade, a diversidade, os casos raros, as excepções, para dizer só aquilo. Ora, para isso, o melhor é fazer cinema ou escrever ficção. Se for verosímil, pode ser que seja verdade. A ficção pode ser verdadeira, nesse sentido.

**Alguma vez se deteve na possibilidade concreta de escrever qualquer coisa de ficção?**

Sim. É uma espécie de melopeia que vem à cabeça...

**Mas tem alguma ideia concreta para uma história?**

Não. Acontece-me em certos momentos pensar quem poderiam ser os personagens. Se seria uma coisa mais pessoal, com ressonâncias autobiográficas ou não. Às vezes, pensa-se um bocadinho mas acho que é algo que nunca irá traduzir-se em nada de concreto.

**E um livro de memórias, em que desse testemunho daquilo que viveu e observou – por exemplo no mundo da política?**

Está nos meus planos. Se tiver vida e saúde, está entre os meus projectos fazer qualquer coisa nesse universo. Houve um período em que hesitei sobre o tipo de livro que havia de escrever. Há 10 ou 20 anos tinha a certeza de que havia de escrever as minhas memórias, um dia – memórias mesmo, autobiografia – mas hoje já não. Por razões várias, que não vêm ao caso, não escreverei memórias no sentido clássico da palavra. Fiz uma espécie de adaptação abusiva de uma ideia alheia. Um dia, vi uma longa entrevista com o Soljenitsine na televisão. Ele estava a explicar a estrutura do livro que queria escrever, *A Roda Vermelha*, numa série de cinco volumes para cinco datas diferentes da História russa. O princípio que ele usava para isso era o dos nós. E exemplificava-o com uma corda, mesmo. Evidentemente, não se pode falar de um nó sem falar da corda que está antes e da que está depois. Não é isso, de todo em todo, que eu vou fazer mas a ideia dos nós bateu-me na cabeça. O que eu gostaria de



fazer era escrever algumas recordações sobre alguns nós importantes da minha vida.

**Nós pessoais, portanto.**

Nós pessoais. Quero fazer um nó sobre Vila Real: contar o que era viver em Vila Real, nos anos 50. Quero fazer um nó sobre Coimbra: três anos de Coimbra no princípio dos anos 60. Quero fazer um nó ou dois sobre emigração: talvez um sobre a emigração como estudante e depois sobre a emigração como profissional. Quero fazer um nó sobre aqueles três anos, entre 74 e 77, em que eu estive activo na política. Isso, eu vou querer contar.

**De um ponto de vista analítico ou de um ponto de vista testemunhal?**

A cavalo. As coisas que eu vi, as coisas que eu vivi. Não vou contar muito sobre a minha vida pessoal. Mas o que eu vi e o que eu vivi, quero testemunhá-lo. Era a minha maneira de terminar os livros que escrevi sobre a mudança social em Portugal. Como na série de filmes que fiz, com a Joana Pontes, para a televisão, é sempre um período de 40 a 50 anos. Desde 1960. Esse pedaço de História contemporânea, sobre o qual eu me debrucei muito, acaba por ser a minha vida adulta.

**No fundo, tem andado a tentar entender o que é o seu tempo.**

Exactamente. Depois, consegui encontrar argumentos mais factuais e mais objectivos para definir esse limite. De facto, 1960 em certo sentido é um marco. Tivemos o Delgado em 58, a carta do bispo do Porto em 58-59... Por exemplo, para mim, o Delgado teve uma importância pessoal. Passei a considerar-me anti-regime e de esquerda em 1958. Sei o dia e a hora. Estava na avenida – a Avenida Carvalho Araújo, em Vila Real – oiço um burburinho, não faço a mínima ideia do que é, saio para a rua e vejo o Delgado, pura e simplesmente, com meia dúzia de capangas atrás dele e com os democratas de Vila Real, que não eram muitos, a depositar uma coroa de flores na estátua do Carvalho Araújo e a ir até à frente do Hotel Tocaio fazer uma declaração.

**O António Barreto tinha 16 anos, nessa altura.** Tinha quinze anos e meio – dezasseis incompletos – e fiquei fascinado. Claro que qualquer coisa em mim já puxava para isso, com certeza.

**O vocabulário político – esquerda e direita – já fazia parte da sua linguagem?**

Já fazia parte. É contra o Salazar, é pela liberdade. Esses eram os pontos essenciais. Ser contra o Salazar fazia parte de um fantasma de revolta: ser contra o poderoso. Ser pela liberdade. Lembro-me de que, a partir desse dia, anunciei em

casa que queria ir ao Porto, às manifestações, e consegui ir. Arranjei uma boleia e fui, no dia seguinte. Portanto, isto marcou-me. Depois, em 60-61 há o começo da guerra em Angola, o princípio da emigração, o início do turismo. O ano de 1960 é um bom ano para começar. Acontece que coincide também, muito proximamente, com a minha ida para Coimbra. É a minha vida adulta, em certo sentido.

**Pouco depois, foi para a Suíça.**

Fui para a Suíça em 63, sim.

**O facto de ter ido viver para o estrangeiro fez de si um leitor diferente, alterou o rumo das suas leituras?**

Alterou muito. Estive vários anos sem ler coisas portuguesas. Seja romance, poesia ou mesmo ensaio.

**Até que teve aquela saudade de que já falou há pouco.**

Sim. Houve um período, talvez por volta de 68-69, em que de repente... Eu oscilei muito. Tive alturas em que Portugal me interessava e vivia frustrado por não poder voltar e houve momentos em que era exactamente o contrário e eu não queria nem ouvir falar de Portugal. Cheguei mesmo a pôr a hipótese de me naturalizar suíço.

**Porque é que isso não aconteceu?**

Estive quase. Portanto, a leitura portuguesa foi praticamente abandonada. Abriu-se a leitura estritamente política. Em Portugal havia muito pouco, nessa matéria, por razões conhecidas. Então, era devorar obras escolhidas do Lenine, do Marx, do Trotski, até obras escolhidas do Mao Tsé-Tung, o Guevara e os filósofos marxistas, como o Lukács. Também comecei com a Sociologia. Sempre tinha querido fazer qualquer coisa parecido com a Sociologia cá em Portugal mas não havia.

**A literatura, daí em diante, deixou de fazer parte do seu *menu* de leituras?**

Nunca deixou de fazer parte. Mas há períodos da minha vida – por exemplo, nos últimos dois anos, talvez – em que a minha leitura essencial é de ensaios. Sei que isto vai acabar. Daqui a um mês ou dois vou recomençar a ver o que há de novo por aí. Também tenho períodos de leitura exclusiva de ficção. Acho que é cíclico. Talvez nos últimos 20 anos eu tenha lido mais ensaio do que literatura, é possível. Até pelo meu trabalho. **No balanço das suas leituras há uma distinção entre aquilo que lê por dever e aquilo que lê por prazer?**

Quase não há. Eu não leio ficção só por prazer. A ficção que leio ajuda-me a viver, ajuda-me a pensar. Os ensaios que se lêem por prazer são também ensaios que se lêem ou por causa da actividade jornalística, ou da Sociologia ou daquilo que quero escrever. Ou do que quero aprender. **Considera que a literatura de ficção pode ser um instrumento – mesmo no âmbito da Sociologia – para ler um tempo e um lugar?**

Acho que sim. A boa ficção pode ser uma excelente ajuda para perceber uma sociedade ou para perceber um tempo. Dou-lhe um exemplo: do ponto de vista literário não sou um grande apreciador do Júlio Dinis, não é um dos meus autores favoritos, mas considero que os livros dele são uma excelente introdução a um certo tipo de ideia, de doutrina, de sociedade, de costumes, de mentalidade, de ideologia dominante. Para isso, o Júlio Dinis é um excelente escritor. O Eça de Queirós ajuda a perceber uma parte da sociedade urbana, lisboeta, do século XIX. De certeza absoluta.

**E em relação ao nosso tempo português, que é a sua área de estudo e, até já o confessou, de obsessão?**

Menos. Eventualmente, a literatura portuguesa contemporânea é mais introvertida ou mais individual. Creio que reflecte pouco o ambiente social. **Mas nunca pôs a hipótese de ir à procura, na ficção publicada recentemente, de um olhar sobre a sociedade portuguesa?**

Eu tinha um projecto, e ainda está de pé, que era o de escolher um livro por ano para os últimos 50 anos – 50 romances – e fazer uma reflexão e um trabalho sobre isso. O que é que essa lite-



ratura nos deu. Comecei a fazer a lista, que ainda não está pronta, mas é um projecto que gostaria de realizar.

**A ideia é trabalhar a partir desses romances com os métodos da Sociologia?**

Trabalhar a sociedade portuguesa que aqueles livros nos dão. Em que é que eles acertaram ou não acertaram. Não quero discutir isto autor a autor, evidentemente. Não faço concursos, nem competições. Quero tentar perceber se essa literatura foi dando uma visão da evolução da sociedade.

**Ainda sem ter feito essa investigação, tem alguma intuição, alguma hipótese de trabalho sobre que resposta poderá vir a obter?**

Independentemente da qualidade – não vou dizer se gosto ou não gosto literariamente –, os *Sinais de Fogo*, do Sena, são uma excelente introdução para a sociedade a que se refere. Um outro escritor que é muito desprezado mas que

nalgumas coisas acertou é o Namora. A alta cultura considera-o um escritor menor mas o Namora é um contributo e penso que ajuda a compreender algumas coisas dos anos 40-50.

**O Torga?**

O Torga, eventualmente.

**Lembrei-me dele por também ser transmontano.**

Sim. Dá uma ajuda, sim senhor. Talvez o próprio Aquilino. Mas o Aquilino é muito barroco, muito gongórico.

**O que está nos antípodas da sua forma de escrever. Está também nos antípodas do seu gosto?**

Está.

**Portanto, o seu estilo e o seu gosto coincidem.**

Eu gosto mais da escrita enxuta, sem grandes digressões vocabulares. Gosto mais de uma literatura mais seca, mais trabalhada.

**Mais anglo-saxónica, será?**

Um bocadinho, sim. Mas o Torga, por exemplo, escreve enxuto. Depois tem aquela ansiedade dramática permanente que nem sempre me agrada. Mas a escrita é enxuta. É capaz de haver alguns escritores que, bons ou maus, com romances interessantes ou não, são chaves para se perceberem um pouco esses anos.

**E quanto a autores e obras mais recentes, desde o 25 de Abril para cá?**

Eu não gosto muito de estar a distinguir. O Pires, o Cardoso Pires...

**Estava a pensar na sua lista – não sei se já terá títulos para estudar este período mais recente. Tenho. Mas esta lista não é de gostos.**

**Justamente, não lhe estava a perguntar pelos seus gostos, estava a perguntar-lhe por livros que possam caber nesse estudo que planeia fazer.**

Nessa lista está o Mário Cláudio, de certeza; está o Lobo Antunes, sem dúvida nenhuma; está o Mário de Carvalho, certamente; está o Cardoso Pires; está a Lídia Jorge; está a Teolinda.

**Foi apenas por acaso que não referiu o José Saramago?**

Tem de estar.

**Faço a observação por ter reparado que não o tinha referido e por se tratar do Prémio Nobel.**

Tem de estar. Não sei se será o *Levantado do Chão*... Não sei. Obviamente, vou excluir – mesmo se metaforicamente pudessem ser incluídos – quaisquer romances históricos ou autobiográficos. Trata-se de ler a sociedade portuguesa a partir de obras de ficção. Têm que estar os escritores que marcaram o seu tempo ou de que se falou no seu tempo. Porque isso também conta. Goste eu ou não goste, não é isso que está em causa.

**Consegue ler, por razões de trabalho, sem demasiado incómodo, autores de que não gosta?**

Sem demasiado incómodo, não. Com algum incómodo. Há autores que eu leio e ao mesmo tempo estou a dizer: «Serviço é serviço.»

**Com a consciência de que só os lê por razões de trabalho.**

Sim.

**Então, aí está a tal distinção entre o prazer e a obrigação.**

Sim. Em condições normais, leria a cavalo no prazer e no trabalho e se aquilo, de facto, se torna incómodo e rebarbativo, paro a leitura e não termino o livro. Se for para este objectivo vou até ao fim. Olhe, vou-lhe dar um exemplo do que são livros de prazer, porque tenho momentos desses. Ano sim, ano não vou para Oxford passar um a três meses, quando posso.

**À procura de uma tranquilidade que não tem aqui?**

De mais tranquilidade. Quase tudo o que eu escrevi, com a excepção dos artigos semanais, pas-

## Em Oxford

tenho uma paz absoluta,  
não tenho telefone,  
não tenho chatos e todo  
o ambiente que me rodeia  
é favorável ao recolhimento  
e à escrita. Faço uma  
vida quase monacal.  
Das oito da manhã à uma  
da tarde leio ficção, para  
a desbunda. Puro prazer.  
Há meia dúzia de autores  
que, quando chego lá,  
vou sempre comprar.

sou por Oxford. Tenho ali uma paz absoluta, um silêncio absoluto, não tenho telefone, não tenho reuniões, não tenho pessoas, não tenho chatos e todo o ambiente onde eu vivo ali é favorável ao recolhimento e à escrita. Lá, faço uma vida quase monacal. Das oito da manhã à uma da tarde leio ficção, para a desbunda. Puro prazer. Há meia dúzia de autores que, quando chego lá, vou sempre comprar: livros de acção, livros de espionagem, livros de puro divertimento. Há um autor americano que escreve livros de aeroporto e que faz livros para filmes, um senhor chamado John Grisham, que todos os anos publica um livro e que eu todos os anos leio.

**Ele escreve thrillers judiciais; esse interesse ainda é uma reminiscência da sua formação jurídica?**

Será do estudante revoltado, porque os homens do Direito do Grisham são terríveis: corrupção, banditismo, envolvimento na política. Também continuo a ler, sempre, o John Le Carré, por quem tenho uma enorme admiração. Ou o Ken Follett. Às vezes, ainda vou buscar uns romances policiais antigos, seja do [Erle] Stanley Gardner ou do [Donald] Westlake ou do Dashiell Hammett, que não podia falhar, ou do Nero Wolfe [personagem principal dos romances de Rex Stout]. Gosto dessa leitura... OK, aí vou aceitar a sua classificação de há pouco: leitura de puro prazer. A partir da uma da tarde começo a escrever e escrevo durante seis, sete horas seguidas. Sou muito lento a escrever. Corrijo muito aquilo que

escrevo. Volto atrás mil vezes. Portanto, escrever custa fisicamente um bocadinho.

[A conversa, pouco a pouco, desloca-se do interesse de António Barreto pela escrita e pela leitura para a sua outra grande paixão, a fotografia. Revela estar a tratar e a catalogar os milhares de fotografias que fez ao longo de décadas e confessa ter a «remota intenção» de as juntar num livro, que no entanto só fará se tiver a certeza de que tem material para «um bom livro». O entusiasmo de António Barreto ao falar de fotografia – daquela que faz e da que colecciona de um modo «caótico» – é evidente. «Nós vivemos, há cem anos, sob o domínio absoluto da imagem: na fotografia, no cinema, na televisão, nos jornais, nas revistas. Ao ponto de a fotografia substituir muitas vezes a palavra, o que é pena.» A conversa ganha, assim, um novo rumo.]

**A sociedade da imagem, em que vivemos, está a tornar-se de alguma forma inimiga da leitura?**

Está. E eu detesto o lugar-comum «Uma fotografia vale mil palavras». Detesto isso. Não vale. A junção entre fotografia e imagem é ótima. A fotografia, por si própria, vale muitíssimo, não tenho dúvida nenhuma nisso, mas a ideia de que vale mil palavras é detestável. Porque a fotografia também é engano, também é mentira, também é manipulação, também é intoxicação do espírito. Uma das frases mais detestáveis da História da Humanidade deve ser um pensamento do primeiro director da *Life*, que disse: «O meu sonho é fazer uma revista semanal sem uma única palavra, só com fotografias, porque assim eu descreverei o mundo.»

**Havia nisso uma intenção programática.**

Uma intenção, pois. Ele não queria publicar fotografia pela fotografia. Tenho aqui fotografias à sua volta que não têm palavras. A fotografia basta-se a si própria sem palavras. Depois, a palavra explica o resto. Aquela que está ali encostada, por acaso, mostra o esforço de andar com um cesto de uvas de 70 quilos à cabeça. Se eu não lhe explicar que o cesto tem 70 quilos já está a perder qualquer coisa. Ela vale por si mas não pode substituir a palavra.

**Considera essa força da imagem uma ameaça ao livro?**

Considero. Não sou capaz de lhe dizer: o livro vai desaparecer.

**Até já disse o contrário. Numa conferência para editores, em 2001, dizia textualmente: «O livro é eterno.»**

É verdade. Creio que é eterno mas creio que o consumo do que lá está dentro vai ser cada vez maior por outros meios. O livro como objecto, tal como o conhecemos hoje, vai ter tiragens menores, vai ter uma menor propagação. Dizem que



há agora uns ecrãzinhos onde se põem lá dentro 50 livros.

**Ainda não experimentou essas novas tecnologias de leitura?**

Ainda não. Já vi fotografias. O que está em maior perigo imediato são os jornais e as revistas. Haverá sempre qualquer coisa que se pareça mas creio que nós vamos assistir, nos próximos 10 anos, à morte de um grande número de jornais no mundo inteiro.

**A ameaça é a Internet?**

É. O *online* substitui-os. Podemos sempre argumentar que o *online* pode dar coisas que os jornais não dão, nalguns casos pode ser melhor do que os jornais são. Muitos juízos podem ser feitos. Eu estou à espera da prova, não tenho uma visão definitiva sobre isso. Agora, o modo de leitura, a pausa, o sossego, a ponderação, a moderação, a reflexão, a nota, a posição pessoal, geográfica, física com que você lê jornais e lê livros, tudo isso está em vias de extinção, a benefício dessas novas formas que são mais rápidas, que seguramente proporcionam menos reflexão...

**Porque é que proporcionam menos reflexão?**

Você precisa de tempo. O que você lia no comboio, o que lia num sítio fora de casa, sem o computador na mão, o que lia voltando para a frente e para trás, escrevendo notinhas, escrevendo no canto dos livros, escrevendo num caderninho que tem ao lado, não creio que seja possível fazê-lo com um *palm* deste tamanho [*contorna com um dedo a palma da mão esquerda*] ou com um *laptop*, onde tudo está feito para ter uma informação rápida. Com um telemóvel você, hoje, já consegue ter inúmeras informações: tudo sintético, tudo compacto, tudo resumido. Os sentimentos são resumidos, são condensados.

**A coroa de todo este novo aparelho ideológico que está a governar a escola portuguesa – e noutras partes do mundo – é o *Magalhães*. Ele foi transformado numa espécie de bezerro de ouro da nova ciência e de uma nova cultura, que, em certo sentido, é a destruição da leitura. O que é terrível.**

As palavras, as frases, o discurso, a narrativa – é tudo cada vez mais concentrado. Porque já se está a viver de uma maneira diferente, a correr. **Posso concluir que já tem, por antecipação, uma certa nostalgia em relação ao mundo do livro tradicional?**

Tenho, mas há uma coisa que lhe vou dizer: não é por causa do fetichismo do livro. Quase toda a gente diz isso: «Ah, o cheiro, a cola, a capa, o papel, a tinta de impressão.» Tudo isso é muito engraçado mas não é isso que me faz correr.

A nostalgia é por causa do tempo de meditação, do tempo de leitura, do tempo de saborear, do tempo de ponderar o que se está a ler, de parar, voltar, recomeçar. Ler implica ter uma vida para a leitura; que na sua vida tem de haver espaço para a leitura. Quando você já não tem espaço para a leitura, não é o cheiro que vai substituir o que quer que seja, não é o objecto físico que conta.

**Apesar desse diagnóstico, provavelmente nunca se editaram tantos livros como actualmente. Não há aqui um paradoxo?**

Eu não tenho a certeza dessas estatísticas. Em Portugal, parece que nunca se editaram tantos títulos como agora. Também parece que as tiragens de cada livro são agora menores do que já foram. Parece, ainda, que a maior parte dos livros não são lidos. Há muito livro de estante, de moda. Ao que parece também estão a incluir nas estatísticas do livro muitas coisas que não são livros. **É curioso que repita várias vezes a palavra «parece» porque o que se constata é que, em relação aos livros, em Portugal, não há estatísticas fiáveis.**

Pois não. Já vi estatísticas em que a dada altura se percebeu que os livros de instruções, desde que tivessem mais de 60 páginas (e os computadores hoje têm manuais de instruções com 200 páginas), passam oficialmente a ser livros. Ora, pôr na mesma categoria literatura e instruções para o microondas não faz sentido. Não pode ser. Considerar isso *livros* – e não quero armar-me em elitista do livro – é algo que não significa necessariamente *leitura*.

**Para um sociólogo, que significado tem o facto de não haver números fiáveis nesta área?**

Sabe, isso custa um bocadinho de dinheiro e em Portugal tudo o que se puder poupar em estatís-



tica, poupa-se. Infelizmente. A estatística portuguesa melhorou muito nestes últimos 20 anos por causa do Eurostat. Os fundos que nós recebemos da Europa exigem sempre uma informação muito apurada das realidades. Portanto, as estatísticas sobre a Justiça, Saúde, a Educação, a Agricultura, a produção são hoje muito melhores do que eram há 20 anos. Acontece que para a cultura não há fundos europeus. Eu não queria dizer a frase calista que é: «Os portugueses tratam mal a leitura.» É verdade que tratam, mas não vamos fazer esse choradinho habitual.

**Mas considera que essa frase é verdadeira?**

Sim. Por uma razão histórica muito simples: os portugueses aprenderam a ler muito tarde. **Isso tem a ver com a sua tese sobre a importância da massificação da televisão, em Portugal, ter acontecido antes de se ter generalizado a alfabetização.**

Pode ser que haja quem não dê importância a esse facto mas ele é, para mim, radical. Eu não tenho nenhuma crença mística nas nações, mas elas existem. Os povos existem. Há uma memória colectiva. Quando, na nação portuguesa, metade ou dois terços das pessoas souberam ler, isso aconteceu com mais de um século de atraso, pelo menos, em relação a países como a Inglaterra, a Dinamarca, a Suécia. Isso está estudado. As tiragens dos jornais em Portugal são absolutamente ridículas. Imprimem-se em Portugal tantos jornais diariamente como num bairro de Nova Iorque, ou qualquer coisa assim. As comparações são terríveis. De facto, o jornal nunca foi um hábito. As fontes de notícias e de entretenimento que são a rádio e a televisão vieram muito antes. E as pessoas, de facto, preferem o ecrã. O ecrã tem a palavra, tem música, tem imagem,

tem afectos e sentimentos mais evidentes (porque os realizadores sabem como fazer as coisas) e você ali tem uma massa polissémica de informação e de significados que não tem necessariamente no livro. Além de que o livro dá trabalho.

**Que papel tem, em tudo isto, a escola?**

A escola foi uma ajuda muito madrastra da leitura, em Portugal. Não esteja à espera de um discurso nostálgico a elogiar o tempo da minha juventude porque eu vou dizer-lhe o contrário. Se não fosse a minha família – o meu pai, a minha mãe, as minhas tias, os meus avós – e se não fosse um ou dois professores cujos nomes mais de 50 anos depois eu recordo, a escola não me tinha ajudado. A escola do meu tempo não incitava à leitura. Os que gostavam de ler era por outras razões, não era por causa da escola.

**E a escola de hoje?**

Passaram 50 anos e, por razões diferentes, a escola hoje destrói a leitura. Seja com a análise estruturalista e linguística dos textos, seja pela ideia de que escola tem de ser mais a acção e tem de ser mais projecto e mais mil coisas que fazem a nova escola. A leitura na escola é a última das preocupações.

**Sendo a Internet uma ameaça à leitura, como diz, o esforço para criar uma literacia computacional desde cedo será um erro?**

A literacia computacional não é um erro. Eu tive que aprender, já tarde. De facto, o computador, a informática, a Internet podem transformar-se num instrumento de trabalho, de conhecimento e de comunicação importantes. Acho que todas as pessoas devem aprender a usar essas coisas.

**Pergunto-lhe isto porque o Governo aposta, com o Magalhães, em criar essa literacia desde cedo.**

Da maneira como o Governo aposta na informática, sem qualquer espécie de visão crítica das coisas, se gastasse um quinto do que gasta, em tempo e em recursos, com a leitura, talvez houvesse em Portugal um bocadinho mais de progresso. *O Magalhães*, nesse sentido, é o maior assassino da leitura em Portugal. Chegou-se ao ponto de criticar aquilo a que chamaram «cultura livresca». O que é terrível. É a condenação do livro. Quando o livro é a melhor maneira de transmitir cultura. Ainda é a melhor maneira. A coroa de todo este novo aparelho ideológico que está a governar a escola portuguesa – e noutras partes do mundo – é o *Magalhães*. Ele foi transformado numa espécie de bezerro de ouro da nova ciência e de uma nova cultura, que, em certo sentido, é a destruição da leitura.

**Se tivesse a seu cargo um jovem a quem quisesse estimular para a leitura, o que é que lhe ocorreria como estratégia para obter esse resultado?**

Adequar o tipo de livro à pessoa em causa. Depois, pôr de parte, até muito tarde, tudo o que é instrumento, estrutura, forma. Tudo isso eu punha em milésimo lugar. No essencial, chamar-lhe a atenção para o sentido, para a narrativa, para a história. É como com o amor – ou o sexo, para ser mais bruto e cru: você sabe que os sentimentos amorosos e sexuais têm, algures, uma componente bioquímica. São uns produtos que se chamam feromonas ou lá o que é que desencadeiam umas operações no cérebro, no hipotálamo, no sistema nervoso, mas não é isso que faz o amor.

**Nessas ocasiões não se fala de química.**

Você não diz a ninguém: as minhas feromonas e as tuas... Não é isso que conta. O que conta é o sentimento, o ver, o beijar. Isso é que conta. É isso que se deve ir buscar à literatura, não a química. ▀